

mero desses espíritos, estudiosos e abnegados, conservaram-se nas hostes de Jesus, obedecendo a sagrados imperativos do sentimento e, ao seu influxo divino, muitas vezes, têm-se reencarnado na Terra, para desempenho de generosas e abençoadas missões.

V

A INDIA

A organização hindú.

Dos espíritos degredados no ambiente da Terra, os que se gruparam em volta do Ganges foram os primeiros a formar os pródromos de uma sociedade organizada, cujos nucleos representariam a grande percentagem de ascendentes das coletividades do porvir.

As organizações hindús são de origem anterior à própria civilização egípcia e antecederam de muito os agrupamentos israelitas, de onde sairiam mais tarde personalidades notáveis, como as de Abraão e Moysés.

As almas exiladas naquela parte do Oriente, muito haviam recebido da misericordia do Cristo, de cuja palavra de amor e de cuja figura luminosa guardaram as mais comovedoras recordações, traduzidas na beleza dos Vedas e dos Upanishads. Foram elas as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre, como provindo de uma raça de profetas, de mestres e iniciados, em cujas tradições iam beber a verdade os homens e os povos do porvir, salientando-se que também as suas escolas de pensamento guardavam os misterios iniciáticos, com as mais sagradas tradições de respeito.

Os arianos puros.

Era na India de então que se reuniam os arianos puros, entre os quais cultivavam-se igualmente as lendas de um mundo perdido, no qual o povo hindú colocava as fontes de sua nobre origem. Alguns acreditavam que se tratasse do antigo continente da Lemuria, arrazado em parte pelas aguas dos Oceanos Pacifico e Indico, e de cujas terras ainda existem porções remanescentes, como a Australia.

A realidade, porém, qual já vimos, é que, como os egípcios, os hindús eram um dos ramos da massa de proscritos da Capela, exilados no planeta. Delas descendem todos os povos arianos, que floreceram na Europa e hoje atingem um dos mais agudos periodos de transição na sua marcha evolutiva. O pensamento moderno é o descendente legitimo daquela grande raça de pensadores, que se organizou nas margens de Ganges, desde a aurora dos tempos terrestres, tanto que todas as linguas das raças brancas guardam as mais estreitas afinidades com o sânscrito, originario de sua formação e que constitui uma reminiscencia da sua existencia pregressa, em outros planetas.

O expansionismo dos árias.

Muitos séculos antes de qualquer prenúncio de civilização terrestre, os árias espalharam-se pelas planícies hindús, dominando os autóctones, descendentes dos "primatas", que possuíam uma pele escura e deles se distanciavam pelos mais destacados caracteristicos físicos e psíquicos. Mais tarde, essa onda expansionista procurou localizar-se ao longo das terras da futura Europa, estabelecendo os primeiros fundamentos da civilização ocidental nos bosques da Grecia, nas costas da Italia e da França, bem como do outro lado do Rheno, onde iam

ensaiar seus primeiros passos, as fôrças da soberbia germanica.

As balisas da sociedade dos Gregos, dos Latinos, dos Celtas e dos Germanos estavam lançadas.

Cada corrente da raça ariana assimilou os elementos encontrados, edificando-se os primórdios da civilização européia; cada qual baseou-se no princípio da fôrça para o necessário estabelecimento e, muito cedo, começaram no Velho-Mundo os choques de suas famílias e tribus.

Os "Mahatmas".

Da região sagrada do Ganges partiram todos os elementos irresignados com a situação humilhante que o degredo na Terra lhes infligia. As arriscadas aventuras forneceriam uma noção de vida nova e aqueles sérbes revoltados supunham encontrar o esquecimento de sua posição nas paisagens renovadas dos caminhos; lá ficaram, apenas as almas resignadas e crentes nos poderes espirituais, que as conduziriam de novo às magnificencias dos seus paraísos perdidos e distantes.

Os canticos dos Vedas são bem uma glorificação da fé e da esperança, em face da Majestade Suprema do Senhor do Universo. A faculdade de tolerar e esperar, aflorou no sentimento coletivo das multidões, que suportaram heroicamente todas as dores e aguardaram o momento sublime da redenção. Os "mahatmas" criaram um ambiente de tamanha grandeza espiritual para o seu povo, que, ainda hoje, nenhum estrangeiro visita a terra sagrada da India sem de lá trazer as mais profundas impressões ácerca de sua atmosfera psíquica. Eles deixaram também, ao mundo, as suas mensagens de amor, de esperança e de estoicismo resignado, salientando-se que quasi todos os grandes vultos do passado humano, progenitores do pensamento contemporaneo, deles aprenderam as lições mais sublimes.

As castas.

O povo hindú, todavia, não obstante o seu elevado grau de desenvolvimento nas ciencias do espirito, não aproveitou de modo geral, como devia, o seu acervo de experiencias sagradas.

Seus condutores conheciam as elevadas finalidades da vida. Lembravam-se vagamente das promessas do Senhor, anteriores á sua reencarnação para os trabalhos do penoso degrêdo. A prova disso é que eles abraçaram todos os grandes missionarios do preterito, vendo neles os avatares do seu Redentor. Viasa foi instrumento das lições do Cristo, seis mil anos antes do Evangelho, cuja epopeia, em seus minimos detalhes, foi prevista pelos iniciados hindús, alguns milenios antes da organização da Palestina. Crisna, Budha e outros grandes enviados de Jesus ao plano material para exposição de suas verdades salvadoras, foram compreendidos pelo grande povo sôbre cuja fronte derramou o Senhor, em todos os tempos, as claridades divinas do seu amor desvelado e compassivo. Mas, como se a questão fosse determinada por um doloroso atavismo psiquico, o povo hindú, embora as suas tradições de espiritualidade, deixou crescer no coração o espinho do orgulho que, aliás, dera motivo ao seu exilio na Terra.

Em breve, a organização das castas separava as suas coletividades para sempre. Essas castas não se constituiam num sentido apenas hierárquico, mas com a significação de uma superioridade orgulhosa e absoluta. As fortes raizes de uma vaidade poderosa dividem os espíritos no campo social e religioso. Os filhos legitimos do país dão-se o nome de árias, designação original de sua raça primitiva, e o seu sistema religioso, de modo geral, chama-se "Aria-Darma", que eles afirmam trazer de sua longinqua origem, e em cujo seio não existem comuni-

dades especiais ou autoridade centralizadora, senão uma profunda e maravilhosa liberdade de sentimento.

Os rajáhs e os párias.

Na verdade, esses sistemas avançados de religião e filosofia evocam o fastigio da raça no seu mundo de origem, de onde foi precipitada ao orbe terreno pelo seu orgulho desmedido e infeliz.

Os arianos da India, porém, não se compadeceram das raças atrasadas que encontraram em seu caminho cuja evolução devia representar para eles um imperativo de trabalho regenerador na face da Terra; os aborigenes foram considerados como os párias da sociedade, de cujos membros não podiam aproximar-se sem graves punições e severos castigos.

Ainda hoje, o espirito iluminado de Gandhi ,que é obrigado a agir na esfera da mais atenciosa psicologia dos seus irmãos de raça, não conseguiu eliminar esses absurdos sociais do seio do grande povo de iniciados e profetas. Os párias são a ralé de todos os séres e são obrigados a dar um sinal de alarme quando passam por qualquer caminho, afim-de que se afastem os venturosos, do seu contágio infeliz.

A realidade, contudo, é que os rajahs soberanos, ao influxo da misericordia do Cristo voltam ás mesmas estradas que transitaram sôbre o dorso dos elefantes ajeizados de pedrarias, como os mendigos desventurados, resgatando o preterito em avatares de amargas provações expiatorias. Os que humilharam os infortunados, do alto de seus palacios resplandescentes, volvem aos mesmos caminhos, cheios de chaga cancerosa, exibindo a sua miseria e a sua indigencia.

E o que é de admirar-se é que nenhum povo da Terra tem mais conhecimentos acerca-da reencarnação, do que

o hindú, ciente dessa verdade sagrada, desde os primórdios da sua organização neste mundo.

Em face de Jesus.

Nos bastidores da civilização, somos compelidos a reconhecer que a Índia foi a matriz de todas as filosofias e religiões da humanidade, inclusive do materialismo, que lá nasceu na escola dos "charvakas".

Um pensamento de gratidão nos toma o íntimo, examinando a sua grandeza espiritual e as suas belezas misteriosas, mas, acima dos seus "yogis" e de seus "máhatmas", temos de colocar a figura luminosa d'Aquele que é a luz do mundo, e cuja vinda á Terra se verificararia para trazer a palma da concordia e da fraternidade, para todos os corações e para todos os povos, arrazando as fronteiras que separam os espíritos e eliminando os laços ferrenhos das castas sociais, para que o amor das almas substituisse o preconceito de raça no seu reinado sem fim.

VI

A FAMILIA INDO-EUROPÉIA

As migrações sucessivas.

Se as civilizações hindú e egípcia definiram-se no mundo, em breves séculos, o mesmo não aconteceu com a civilização áriana, que ia iniciar na Europa os seus movimentos evolutivos.

Somente com o escoar de muitos séculos regularizaram-se as suas migrações sucessivas, através dos planaltos da Persia. Do Iran procederam quasi todas as correntes da raça branca, que representariam mais tarde os troncos genealógicos da família indo-europeia.

Conforme afirmavamos, os arianos que procuravam as novas emoções de uma terra desconhecida eram, na sua maioria os espíritos revoltados com as condições do seu degrado; pouco afeitos aos mistérios religiosos que, pela força das circunstâncias impunham uma disciplina de resignação e humildade, não cuidaram da conservação do seu tradicionalismo, na ansia de conquistar um novo paraíso por serenarem, assim, as suas inquietações angustiosas.

A ausencia de notícias históricas.

Aí reside a razão do escasso conhecimento dos histo-